



QUE LUGAR É ESSE?



POR MARIANNE MACHADO

# O MAIS INCRÍVEL TCC DE TODOS OS TEMPOS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC), APRESENTADO AO COLEGIADO DE GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS DA ESCOLA DE BELAS ARTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, COMO REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE BACHAREL EM ARTES VISUAIS.

HABILITAÇÃO: ARTES GRÁFICAS

ORIENTADOR: PROF. AMIR BRITO CADÔR

BELO HORIZONTE

ESCOLA DE BELAS ARTES DA UFMG

2019

GENTE DO CÉU, QUANTO  
ESPAÇO VAZIO!



VOCÊ NÃO SE SENTE  
MEIO QUE MAIS LIVRE?



# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
INFLUÊNCIAS.....	11
A OBRA.....	21
O PROCESSO.....	27
DO TCC AO INFINITO E ALÉM.....	31
SHAZAM!.....	35
REFERÊNCIAS.....	41



LIVRE?!  
ACABAMOS DE DESCOBRIR  
QUE ESTAMOS SENDO  
CONTROLADAS  
E FOMOS TIRADAS DA  
NOSSA REALIDADE !!

É MAS, TALVEZ  
A GENTE DESCUBRA COISAS  
IMPORTANTES SOBRE NÓS!  
ALÉM DISSO, SE NOS COLOCARAM  
AQUI, DEVE TER UM MOTIVO!

# INTRODUÇÃO

Dizer algo é um desejo primordial do ser humano. Comunicar-se, se aproximar dos outros e aproximar os outros de si. O ser humano diferencia-se de qualquer outro animal pelo seu desejo e forma de expressar e temos manifestado essas características ao longo do tempo, através das pinturas rupestres nas paredes, da escrita, esculturas greco-romanas, peças de teatro, fotografia, filmes, quadrinhos. Até mesmo qualquer conversa redundante que temos sobre gatos ou alienígenas é prova dessa habilidade que temos a necessidade de executar. Poder e saber como me comunicar para além das palavras é uma dádiva, não só por uma questão técnica ou criativa, mas porque potencializa o poder da palavra.

Traduzir este poder para a linguagem imagética, e consequentemente dos quadrinhos, foi uma escolha muito natural para mim. Sempre tive interesse nas narrativas visuais, me apegava muito aos seus personagens fictícios, e, ao pensar em captar a atenção de um público para algo que eu tenha a dizer, nada me parece tão capaz de tal feito através do papel quanto o quadrinho. Então busquei entender as razões pelas quais eu e muitos outros damos tanta importância para situações e indivíduos que não fazem parte de nossa realidade, e cheguei a respostas muito interessantes.

Quando assistimos a um filme, ou lemos um quadrinho, ou participamos de outros processos imersivos,

pode ocorrer um fenômeno chamado de Identificação Projetiva. Segundo as palavras de Paulo Gaudêncio no livro *SHAZAM!* (1970), este termo quando associado ao universo dos filmes e quadrinhos, se refere a capacidade de desligar o indivíduo leitor ou espectador do mundo exterior, e fazê-lo viver uma outra vida num outro mundo através da janela que um autor oferece, e no fim, sentir-se realizado com um final feliz ou angustiado por um final triste. Durante este processo, você sendo este indivíduo, não só assimilou informações de acontecimentos vividos por um personagem. Você assistiu o decorrer da ação, reconheceu as emoções dos envolvidos, ouviu ou leu seus sentimentos em voz alta, acompanhou-os no antes e do depois. Para tanto, boa parte das funções realizadas pelo nosso cérebro como visão, audição, percepção de tempo-espacó e emoção cognitiva estão todas ativas e focadas neste objeto de submersão como o filme ou o quadrinho, e pouco sobra para sequer



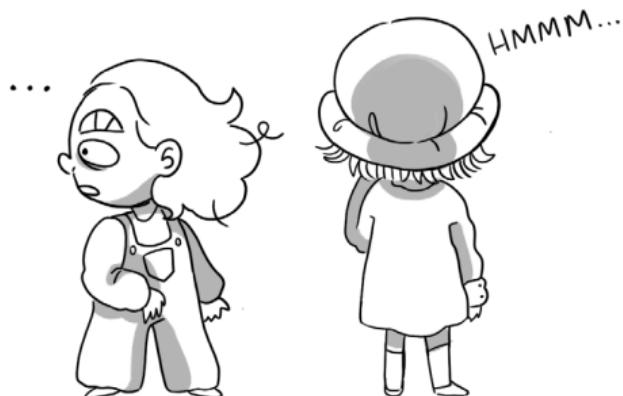
se lembrar que não somos nós de fato vivendo tudo isso. Poder confundir uma outra vida como sua própria e sair ileso de qualquer apego emocional seria uma atitude praticamente inumana. Então acho que é evidente de onde as narrativas ganham tanta devoção. Mas viver uma outra vida é muito mais fácil quando o personagem e espectador compartilham de características ou vidas semelhantes.

Fazer com que o público se identifique com as personagens é não só uma preocupação, mas uma consequência minha com meu trabalho e de muitos outros quadrinistas e autores, decorrência da projeção das nossas visões pessoais em nossos trabalhos. As tirinhas sempre fizeram isso muito bem, pois historicamente sempre trataram de questões do cotidiano de uma cultura. Mesmo as tirinhas de Li'l Abner (Ferdinando) por Al Capp conseguem estabelecer relações com as de Asterix por Uderzo. Embora a primeira narre o dia a dia de uma família caipira americana, e a segunda as de vikings possivelmente do século XIII, eu e qualquer outro leitor, podemos encontrar em ambos trabalhos as circunstâncias de vivência própria (mesmo que metafóricas). Afinal, todos nós dividimos os mesmos sentimentos contemplados na experiência humana ao longo de diversos momentos da vida. São justamente através dessas experiências em comum de toda uma cultura que um autor busca levantar questões, construir sátiras ou apenas realizar a prática de demonstrá-las sob a perspectiva da tirinha. A escolha de cada um destes procedimentos constitui a projeção pessoal do artista naquele trabalho.



# INFLUÊNCIAS

Utilizei três tiras em quadrinhos como inspiração para construção do meu trabalho. Peanuts por Charles Schulz, Calvin e Haroldo por Bill Watterson e Shen Comix por... Shen Comix. Essas três tiras de sensibilidades muito diferentes me ajudaram a descobrir o que uma tira de quadrinhos pode ser, e assim compor meu trabalho da forma que ele é hoje.



## Calvin e Haroldo por Bill Waterson



Figura 1



Infelizmente e differentemente de como eu gostaria que tivesse sido, só fui conhecer de verdade o trabalho de Bill Watterson quando decidi buscar referências para a concretização do meu trabalho. Mas assim que o vi, percebi o quanto minha ideia de construção de tiras estava limitada. Em todo os sentidos. Limitações que estava impondo sobre mim mesma, sobre o que eu achava que uma tira tinha de ser, e o que eu poderia discutir dentro dela, regras inexistentes, mas que pensava serem necessárias para uma produção consistente.

Ao mesmo tempo que várias das tiras de Watterson contemplam questões filosóficas existências, outras apenas brincam com o imaginário fantástico infantil, outras fazem piadas, outras narram situações da infância com as quais nos identificamos. Todas essas formas variadas de apresentar sua tira, eram meios que Watterson criou para satisfazer suas vontades criativas. Não que todas suas criações sejam produtos de uma vontade interna e não qualquer ideia que ele se dedicasse a pôr no papel porque ele tinha prazos diários a serem cumpridos, mas essa variedade me ajudou a perceber que o melhor do nosso trabalho surge quando nos damos a possibilidade de fazer aquilo que gostaríamos de estar fazendo.



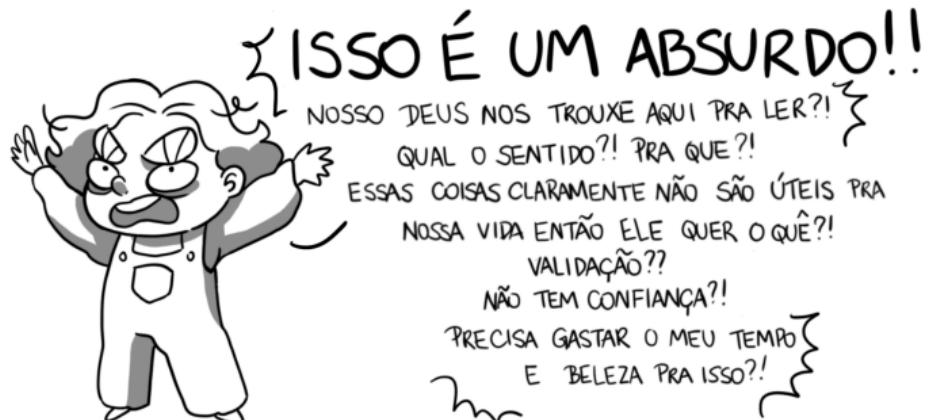
Mais uma ideia fundamental que Calvin e Haroldo proporcionou ao meu trabalho, foi a forma muito mais interessante e dinâmica de se apresentar questões existenciais, filosóficas, ou seja lá quais forem, que é colocando-as e frente a contestações. Ter pelo menos dois personagens distintos para contestarem um ao outro é fundamental para exercer esse aspecto e fazê-lo refletir melhor em nós como leitores. É o que acontece de forma incrível na relação entre Calvin e Haroldo e que também busquei empregar na relação que construí entre minhas duas protagonistas ao criá-las, como explicarei mais a frente.



Peanuts por Charles Schulz

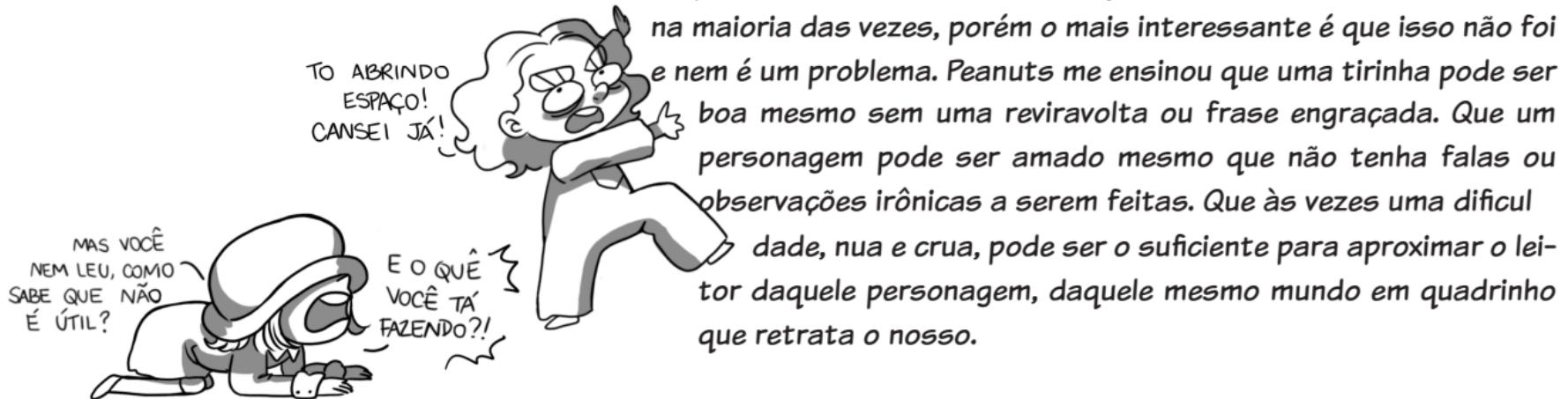


Figura 2



Em muitos sentidos, os trabalhos de Peanuts e Calvin e Haroldo parecem fazer parte da mesma família. Os protagonistas das tiras são crianças, têm um animal como melhor amigo, e dificuldades para se fazer entender com os outros personagens em seus pequenos universos. Ambas as narrativas também tratam de assuntos filosóficos e reflexivos tanto para a sociedade quanto para o universo infantil. Já sabendo que a série de Schulz serviu de inspiração para Bill Waterson, mas é nítido que apesar das semelhanças, seus personagens trilham caminhos bem diferentes.

Charlie Brown oferece desenrolares muito mais melancólicos para os questionamentos propostos a ele. Eu diria que não acho que a palavra "graça", especificamente, apareceria como parte do vocabulário que eu usaria para descrever as sensações que senti ao ler as tiras de Schulz

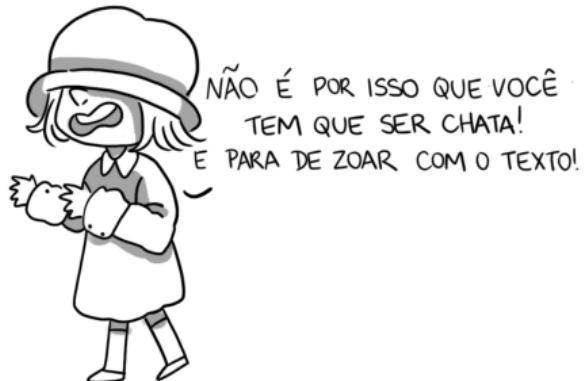
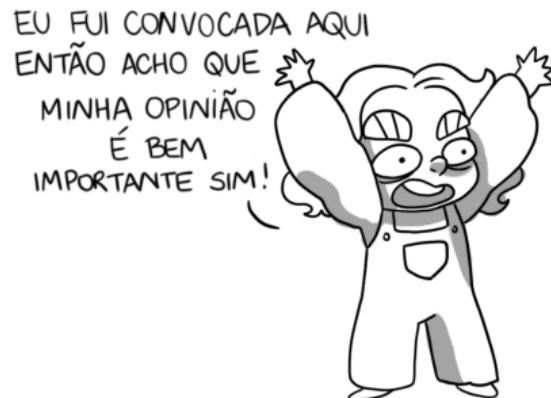


# Shen Comix por Shen Comix



Figura 3

Este trabalho é um dos vários exemplos de webcomics sendo produzidas digitalmente na atualidade. Apesar da pouca divulgação dos estudos sobre este novo formato de histórias em quadrinhos em relação aos moldes antigos, há várias tendências que podem ser notadas nesta nova forma de trabalhar quadrinhos, ao menos agora em 2019. Primeira e mais obviamente, podem ser citados o uso das redes sociais como plataforma para publicação, os assuntos que apelam para a comunidade mais jovem (ou seja, o público que mais é presente dentro dessas plataformas), e a grande simplificação do traço empregado nos desenhos das tiras. De certa forma, o universo digital proporcionou diversos recursos para facilitar o trabalho de um produtor de quadrinhos, mas ao mesmo tempo, não sinto que a maioria destes produtores utilizem estes recursos com seu total potencial. Muitas webcomics acabam por repetir as mesmas piadas e situações com as quais nos relacio-



namos, utilizar os mesmos formatos quadrados, e, mesmo tendo a possibilidade de realizar um desenho mais bem trabalhado, com inúmeros novos meios de visualização e produção, a grande maioria opta pelas mesmas características de simplificação. Não que eu não goste dos desenhos! A maior parte dos desenhos, mesmo simples, são únicos e muito mais engraçados e distorcidos do que qualquer coisa que seus antepassados análogicos mais antigos teriam imaginado. Influência da animação, com certeza. Mas de vez em quando, penso ser um pouco desanimador essa generalização que acontece, tanto das piadas quanto dos desenhos. Pensando nisso, julguei as tirinhas deste autor, cujo nome acredito que seja Shen (ele não divulga seu nome real, se identificando apenas por seu nome de usuário), uma influência atual bem diferente da maioria das outras. Mesmo quando ele apresenta situações já muito desgastadas nos quadrinhos mundo afora, ele consegue fazê-lo de forma original. Ele também foi o primeiro autor que eu, pessoalmente, observei com a habilidade de humanizar ou objetificar palavras abstratas

(como "ansiedade", "amor", "vida", etc.) de forma hilária e claramente eficiente. Ainda quando faço meus quadrinhos, se estou falando de um



POR QUE ALGUÉM, SEI LÁ, DEUS,  
COM CERTEZA SE ESFORÇOU MUITO  
PRA FAZER ISSO!



tema muito batido, procuro me inspirar neste tipo de trabalho para contá-lo da forma mais criativa possível.

No final, talvez outros quadrinhos excelentes pudessem ser mencionados aqui, mas foram estes que me trouxeram os principais elementos criativos que constituem minhas tirinhas da forma que elas são hoje. São os exemplos que eu quis tomar para mim como autora e desenvolver a partir deles.

MAS ESSAS PÁGINAS  
VÃO ACABAR GUARDADAS,  
MOFADAS, MUITO POSSÍVELMENTE  
RABISCADAS E ESQUECIDAS!  
QUE DIFERENÇA FAZ?!



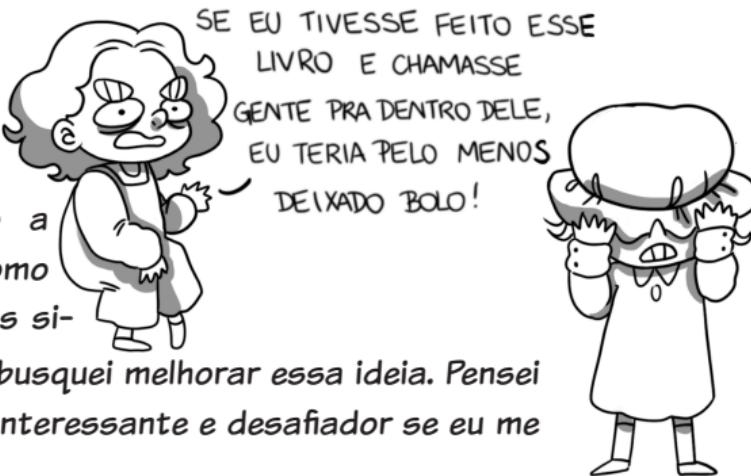
SE FOSSE VOCÊ QUE  
TIVESSE FEITO,  
NÃO ESTARIA  
DIZENDO  
ISSO!



## A OBRA

Finalmente falando agora sobre meu trabalho, comecei a produzir tirinhas com mais afinco a partir do primeiro semestre de 2018. Foi a maneira mais incrível e até então não descoberta por mim de trabalhar narrativas, desenhar, me expressar, e (não propositadamente) me desenvolver artisticamente. Durante esse período, foi muito importante estar dentro de um curso como a Casa dos Quadrinhos, onde tive não somente uma base de ensinamentos técnicos de desenho e narrativa mais elaborada, como tive também o mais importante, que qualquer outro criador precisa, o apoio para me desenvolver no universo das histórias em quadrinhos.

Minha série de tirinhas tratam da dinâmica entre as duas protagonistas, cujas personalidades antagônicas expressam diferentes opiniões em relação a acontecimentos do cotidiano. Como a princípio eu já ilustrava algumas situações que vivia no dia a dia, eu busquei melhorar essa ideia. Pensei a princípio que talvez fosse mais interessante e desafiador se eu me



propusesse a criar uma personagem com personalidade diferente da minha própria, assim como fizeram Bill Watterson, Charles Schulz e tantos outros quadrinistas do século passado. Não só eu tinha esses incríveis modelos para seguir, como também me diferenciaria entre a maior parte dos quadrinistas atuais, que, na maior parte das vezes, costumam ter a si próprios como protagonistas de suas histórias. Watterson por exemplo, afirmou em seu livro, *Os dez anos de Calvin e Haroldo* de 1995:

*"Calvin é autobiográfico no sentido de que ele pensa nas mesmas questões que eu penso, mas nisso, Calvin reflete a minha vida adulta mais do que a minha infância. Muitas das lutas de Calvin são metáforas das minhas. Eu suspeito que a maioria de nós envelhece sem crescer, e que dentro de cada adulto (às vezes muito pra dentro) há um garoto mimado que quer tudo do seu jeito. Eu uso*

*Calvin como uma válvula de escape para minha imaturidade, como uma maneira de me manter curioso sobre o mundo natural, como uma maneira de ridicularizar as minhas próprias obsessões, e com uma maneira de comentar a natureza humana. Eu não iria querer Calvin na minha casa, mas no papel, ele me ajuda a pôr ordem na minha vida e entendê-la."*



E NÓS ESTAMOS  
PRESAS AQUI FAZ  
MEIO MILHÃO DE PÁGINAS!  
NÃO PODEM NOS TRATAR ASSIM!



NÓS NUNCA  
TEMOS  
NADA  
PRA FAZER  
/ DE QUALQUER  
JEITO!

Achei o pensamento incrível, mas quanto mais eu avaliava a ideia, mais me sentia distante dela. Minha vontade de produzir, talvez principalmente naquele momento, se dava para comunicar ao cosmos as minhas frustrações, inseguranças, vivências do cotidiano. Possivelmente porque eu me sentia sozinha, ou porque eu morava sozinha, ou porque estava frustrada ou quem sabe por ser narcisista. Não sei se se trata de um fenômeno universal, mas é assim que me sentia. Então no fim das contas, talvez em uma decisão inconsciente, ao transportar a minha antiga persona para esta série e criar a nova personagem que seria sua contestadora e possivelmente melhor amiga, acabei por conceber duas partes de mim mesma.

Pode parecer estranho essas duas não terem nome, mas quanto mais tempo eu levei para decidir, mais fui percebendo que elas não precisavam de um. Ao menos, não houve momento algum em que senti que falta deles para uma história acontecer. Outros quadrinhos como os de Sarah Andersen, Paulo Moreira e Mr. Lovenstein não possuem nem mesmo título. E ainda que minha publicação tenha um nome, o trabalho em si não tem.



Para fins de facilidade de identificação nesse trabalho escrito, no entanto, vou revelar os nomes que decidir usar para as personagens, que, porém nunca usei. Eles são Matilde e Alicia.

Matilde é a persona inicial que aparecia nas minhas ilustrações, e que eu melhor desenvolvi para a série. O fundamento que passei a usar para desenhar e escrever com ela é "se for importante, ela não se importa". Matilde tem as melhores reações para as questões menores e mais comuns do dia a dia. De certa forma ela é a mais infantil e ao mesmo tempo mais livre entre as duas personagens. Não se preocupa com o futuro, nem com relações amorosas, tende a dizer o que pensa e não costuma se sentir sozinha, mesmo parecendo ser a mais abalada com a vida na maioria das histórias.

Alícia é sua oposição, o lado mais responsável. Já com ela eu penso, "se não é realmente importante, ela não se importa". Ela é tímida e não liga muito para sua aparência, preferindo se esconder de baixo do seu chapéu. Não costuma dizer o que não considera ser necessário, e apesar de sempre ser o pilar da razão quando ajuda Matilde nas situações mais banais, tem várias inseguranças mais profundas e existenciais. Nesses momentos é Matilde a auxilia com sua visão descomplicada e simplista da vida. Essa forma mais absorta de Matilde se apresentar na tira tem como suporte os diálogos existenciais representados nos quadrinhos de Schulz.

Muito pouco dessas personalidades foram planejadas. Foi de quadrinho a quadrinho que as duas per-

sonas foram me dando retornos daquilo que elas queriam dizer. Acho incrível a relação que foi construída entre elas, e tal como a dito sobre a relação entre Calvin e Haroldo, que oferece visão mais dinâmica sobre qualquer temática que Waterson se propôs a escrever, ambas minhas personagens também me deram meios de poder falar de praticamente qualquer coisa em dois tons distintos. Falar tanto do que está na superfície da existência contemporânea quanto do que é de mais profundo em nossas mentes e que talvez tenha sempre estado ali.





# O PROCESSO

As tirinhas são desenhadas digitalmente, com formas simplificadas e expressões exageradas. O processo de criação se inicia quando me vem uma ideia inicial do tema que vou representar na tirinha. Esta ideia pode vir a qualquer momento, por isso é sempre bom ter papel por perto. Mas no final das contas, se ideia for realmente boa, não costumo esquecer. Mais tarde, começo a esboçar, sem impor necessariamente uma ordem aos quadros, as imagens e frases principais que serão responsáveis por expor a ideia/tema que desejo. Às vezes o tema já me traz à mente a sequência de quadros que vou precisar para construir a tirinha. Outras vezes, só me vem uma imagem e uma fala mais marcante, e construo o resto das cenas em volta destes elementos matrizes. Esse primeiro momento de se visualizar a ideia é bem prazeroso e rápido, então me sinto bem em fazê-lo a qualquer hora do dia. No entanto, o último processo de digitalização da tirinha, já é mais demorado



e cansativo, por isso costumo usar as horas mais silenciosas e ininterruptas da minha rotina, geralmente de noite e pela madrugada, para fazer a maior parte do trabalho.

Ao mesmo tempo que gosto de manter minhas próprias vivências nas tirinhas, também procuro incorporar o espectador para dentro delas com o objetivo de que este também possa se identificar com elas. Para tanto, tento traduzir situações que marcam a mim especificamente para situações nas quais qualquer outra pessoa provavelmente já passou. Como por exemplo, por vezes não evidenciar quais gêneros específicos de filmes que minhas personagens estão assistindo; ou não especificar se elas são alunas de faculdade, escola, ou de algum outro curso; não explicitar críticas a nenhum grupo institucional específico. Há casos também em que procuro expor uma situação ou pensamento que pode não ter ocorrido às outras pessoas, mas nesses casos, sempre há um interlocutor e o ouvinte ambos presentes na tira, assim, o espectador pode se sentir presente em qualquer uma das duas formas. É importante deixar claro que este leitor também é parte intrínseca do meu trabalho, já que este só se torna concreto a partir do momento em que é visualizado por ele.

Até um certo momento depois que iniciei esta série de tiras, ainda tendo pouco ponderado sobre desdobramentos da relação entre obra e público, elaborei cada história pensando no espaço da página, no tamanho do livro que seria impresso a partir do conjunto de várias tiras prontas. Continuei produzindo neste mesmo formato e eventualmente publicava algumas delas em redes sociais, até que decidi que eu tinha um número

suficiente para completar o livro. Só que daí para frente, passo a produzir num formato diferente, que possa ser publicado de forma sequencial em redes sociais como o instagram, isto é, um quadro por vez. Essa decisão pela mudança de formato é devido à minha preferência pela publicação no meio digital, onde há de fato o melhor contexto de inserção e divulgação para o meu trabalho, ou de qualquer outro da espécie nos dias atuais. Além da facilidade de uma divulgação gratuita ainda mais rápida e com maior alcance, também é onde se reúne a maioria do público jovem, cujo estilo de vida e referências são as mais presentes no meu trabalho. O meio digital também proporciona muito mais opções de exibição e criação, com maior facilidade de adaptação para os mais diversos formatos. Lógico que esta preferência pelo meio digital não cria nenhum impedimento sobre ter um consequente produto físico a partir das minhas publicações. Ainda assim, a questão de me manter ativa e sempre presente de forma gratuita na vida daqueles que seguem meu trabalho continuaria sendo vital para manter uma conexão com o público e ao mesmo tempo alcançar um reconhecimento maior.





# DO TCC AO INFINITO E ALÉM

Este livro de TCC foi pensado de forma que pudesse não apenas explicar minha criação, mas também transmitir mais vividamente parte de seu caráter, da personalidade das minhas personagens e a dinâmica que há entre elas. Para inseri-las num contexto diferente daquele do qual elas estão acostumadas, entendi que faria mais sentido com a proposta tanto deste livro como a das minhas tirinhas usuais se elas percebessem a diferença do espaço em que elas se encontram e pudessem desenvolver uma nova narrativa a partir dessa situação. Então seguindo essa ideia, no momento em que as personagens percebem que estão dentro de um livro, que existe algo ou alguém as controlando e dialogam sobre isso, faz-se uso do conceito de quebra da

FICAR SEM FAZER NADA TAMBÉM  
NÃO FAZ SENTIDO!

TEMOS QUE DEIXAR AS PÁGINAS  
MELHORES DO QUE

ERAM ANTES!

QUEM DISSE? EU NÃO  
CONSIGO FICAR FALANDO  
SEM PARAR POR Vinte  
E TANTAS PÁGINAS!



quarta parede. A quarta parede é a barreira imaginária que separa os personagens do público. A ação de uma peça, filme ou série acontece dentro dessas quatro paredes. Ao se referirem a quem os observa, os atores ou personagens fazem a quebra dessa quarta parede.

Há quem acredite que a quebra da quarta parede, ao desfazer a suspensão da descrença dentro da narrativa, cause um afastamento que interfere no humor da história. Porém, foi praticando o exercício de imaginar minhas personagens como indivíduos reais e tratá-las como tal que concebi a forma tal qual elas são apresentadas no projeto deste trabalho. Ao expor a quebra da quarta parede, acredito que os leitores também possam fazer esse mesmo exercício de considerar a realidade daquelas personagens. Na verdade, não só a realidade de Matilde e Alícia, mas dos habitantes de qualquer universo imaginado por mim ou por você, contido dentro de páginas, filmes ou no nosso imaginário. Durante o desenrolar da história, as meninas se referem à entidade que as controlam como Deus. Pode parecer presunçoso chamar a mim mesma de Deus, mas penso que para qualquer autor, ser um criador de mundos onipotente, onipresente, quase onisciente, e capaz de decidir o destino daqueles que habitam aquele mundo, é com certeza, uma existência muito próxima daquela que muitas das religiões considerariam como a de um Deus. Deixo claro que digo quase onisciente pois eu mesma como autora nem sempre tenho consciência do rumo que uma história vai tomar. Às vezes eu mesma desconheço minhas próprias intenções até percebê-las depois que tudo já está feito.

Apesar do uso do recurso da quebra da quarta parede ter sido mais uma decisão circunstancial dentro

deste trabalho em específico, a maior fonte de inspiração que eu utilizei para fazer uso desse recurso narrativo foram as histórias em quadrinhos da Turma da Mônica por Mauricio de Sousa. É uma ferramenta de uso esporádico nas histórias principais, mas aparece frequentemente na série do cachorrinho Bidu. Nestas histórias, é muito interessante a forma como as personagens parecem aceitar a posição deles dentro da narrativa e assim estabelecem uma relação mais íntima com os desenhistas e roteiristas da série. Em algumas dessas ocasiões o autor também cria uma representação de si mesmo dentro do quadrinho, mas este não é o caso dentro da minha obra. Isso porque, se houvesse uma representação minha como autora dentro da tira, causaria não só o enfraquecimento do uso da quebra da quarta parede, como também a desmistificação da figura do autor/deus, que do mesmo modo acabaria por afastá-las mais uma vez de uma existência mais próxima da realidade. Em outras palavras, quando contemplamos a figura do autor representada dentro do quadrinho nós sabemos que se trata de uma cópia da realidade, pois o autor e sua obra de ficção (ou mesmo Deus e sua criação) não



existem num mesmo plano. Os personagens não mais estão estabelecendo um diálogo com aquilo que está fora da página, mas com uma outra representação fictícia dentro dela. Isso tudo sem mencionar que já sou muito bem representada por minhas próprias personagens, é claro.

A produção deste trabalho me proporcionou várias novas formas de pensar os meus interesses no campo da criação, a relação entre texto, imagem, e planejamento editorial. Essas reflexões me ajudaram a apontar possíveis rumos a serem tomados após concluído este projeto e retomada minha rotina usual de produção. Um desdobramento que considero para esse trabalho seria a continuidade da relação entre personagem e autor construída dentro desse livro, bem como o uso do conceito de quebra da quarta parede, aparecendo não necessariamente em todas as próximas tiras, mas de forma esporádica. Agora com maiores conhecimentos em narrativas visuais e em quadrinhos principalmente, tenho esperanças de entreter e inspirar um maior número de leitores.



# SHAZAM!

Para iniciar este projeto que envolve uma análise do universo dos quadrinhos, li para ter como referência alguns livros sobre este universo. Entre eles, havia Shazam!, por Álvaro de Moya, um compilado de textos de treze autores, que apresentavam as produções de quadrinhos mais relevantes até aquele momento, e desenvolviam sobre aquilo que fazia cada uma daquelas obras tão especiais. A princípio pode não parecer nada muito além de uma referência histórica e informativa para este projeto, mas algo na forma que o autor escreveu certas passagens do texto me motivou a registrá-las. Ali eu soube que, de alguma forma, eu queria incluí-las no texto deste trabalho.



"Então sozinho, pesquisei internamente, quais seriam meus motivos e, no fundo, o que eu, como desenhista, queria mesmo era ver os originais, o papel, a tinta, o uso do pincel e de apena, os retoques, o guache, o tamanho da folha, etc. Mas nós tínhamos um motivo principal: queríamos fazer quadrinhos e não podíamos concorrer artística e financeiramente co as que vinham do exterior; queríamos um lugar ao sol, mostrar que éramos capazes de fazer grandes coisas com nosso amor pelo cinema, pela literatura, pelo desenho, pelos quadrinhos. Mas, por outro lado, e isso era o mais importante do mundo, se nós não 'exteriorizássemos' tudo o que sabíamos sobre a arte que tanto amávamos - os quadrinhos - quem o faria? Só nós, sozinhos, no mundo de 1951, éramos capazes de interpretar e brigar pelos nossos ídolos, lutar pela nossa arte, mesmo que isso nos custasse o emprego. E no fundo, no fundo mesmo, honestamente, se um editor se empolgasse pelo nosso nacionalismo e propusesse não mais editar no Brasil Flash Gordon, Lil' Abner, O Fantasma, Mandrake, Príncipe Valente, Steve Canyon, O Espírito e todas aquelas obras



*-primas para publicar os meus desenhos, eu preferiria abdicar de ser desenhista e continuar a ser um simples leitor de quadrinhos..." (Álvaro de Moya, 1970 p.18)*

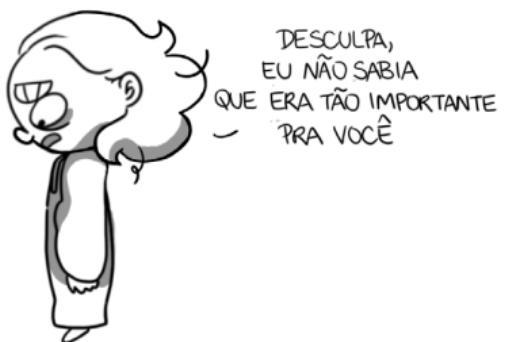
Então sozinha, no caso realmente sozinha, pesquisei internamente, quais seriam meus motivos, o que eu via nesta longa citação de Álvaro de Moya. Álvaro de Moya nasceu em 1930 e faleceu há dois anos, mas quando leo suas palavras de quase cinquenta anos atrás, sinto que eu estou conversando com um colega contemporâneo. Não foi tão óbvio quanto agora parece ser responder minha questão do por quê acabei reescrevendo esta e outras tantas citações deste senhor (que na verdade na época não era senhor) em umas dez páginas do meu caderno a5. Agora vejo que talvez o uso que ele fazia pelas palavras "sinceramente", "honestamente", "de verdade mesmo", deviam piscar em luzes neon na minha cabeça, mas eu nem prestei atenção. Acho que eu pen-



sava que precisava dar ao livro uma importância além da que eu mesma atribui que ainda não tinha identificado.

Álvaro de Moya, junto de outros apaixonados pelos quadrinhos, organizaram a Primeira Exposição de Quadrinhos feita no mundo, em 18 de junho de 1951. Reuniu os originais dos maiores e melhores quadrinistas do momento ao lado de seus próprios trabalhos. E o que ele queria de verdade, acima de tudo, eu não preciso me perguntar, porque ele me disse. Era, nas palavras do autor, "exteriorizar tudo o que sabiam sobre a arte que eles tanto amam", pois ninguém mais poderia fazê-lo. Seria, em minhas palavras, dizer: "História em quadrinhos é foda!".

Em diversas ocasiões durante minha formação acadêmica, me senti inibida de escolher os quadrinhos como forma de expressão. Sinceramente, eu não queria ter de me pronunciar, ter de discutir por algo que já foi



tão discutido, tão bem desenvolvido e defendido por tantas pessoas com muito mais a dizer do que eu. Tenho certeza que não sou a primeira a nem serei a última a passar por essa experiência no universo acadêmico, mas esse livro me inspirou a escolher ser mais uma das vozes a dizer, pela milionésima vez: "QUADRINHOS SÃO FODA". Mesmo que seja algo extremamente desnecessário a esta altura do campeonato, eu digo porque agora tenho coragem pra dizer, do meu próprio jeito, graças à convicção que criei em mim e no meu próprio trabalho.



AGORA VAI  
ACABAR O LIVRO  
E POSSÍVELMENTE  
NOSSA EXISTÊNCIA  
JUNTO COM ELE



CALMA, TÁ TUDO BEM.  
NÃO VAMOS PARAR  
DE EXISTIR

# REFERÊNCIAS

## Bibliografia

- .CIRNE, Moacy. *A explosão criativa dos quadrinhos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1970.
- .MOYA, Alvaro de. *História da história em quadrinhos*. Porto Alegre: L&PM, 1986.
- .MOYA, Alvaro de. *Shazam!*. São Paulo: 1970
- .WATTERSON, Bill. *Os dez anos de Calvin e Haroldo*. Kansas City: Andrews and McMeel, 1996.

## Imagens

- . Figura 1 - Calvin e Haroldo

Fonte: WATTERSON, Bill. *Existem Tesouros em todo lugar*, 2013, p. 33

- . Figura 2 - Peanuts

Fonte: SCHULZ, Charles M. *O melhor de Peanuts*, 2015, p. 75

- .Figura 3 - OwlTurd

Fonte: .SHEN. Bluechair Webcomics. Disponível em:

[https://www.webtoons.com/en/comedy/bluechair/list?title\\_no=199](https://www.webtoons.com/en/comedy/bluechair/list?title_no=199) Acesso em: 19 de junho de 2019



COMO VOCÊ  
SABE?

UÉ, VOCÊ MESMO DISSE!  
O QUE ESTÁ NESSAS  
PÁGINAS VAI FICAR AQUI  
PARA SEMPRE!

*Aos meus pais, Marisa e Augusto, e o resto da minha família pelo amparo incondicional e por me proporcionarem a oportunidade de crescer não só na área que escolhi seguir, mas em todas as formas que uma pessoa poderia crescer. Ao meu companheiro Nícholas pela sua presença insubstituível nos melhores e piores momentos durante essa etapa da minha vida. Às amigas que fiz na faculdade por tornarem toda essa experiência a melhor possível, e me auxiliarem durante o processo de criação deste livro. Ao professor Vitor Cafaggi, verdadeiro mentor para a concepção do meu trabalho como é hoje. Ao professor Marcelo Drummond, por ser um dos primeiros dentro da Belas Artes a instigar o aprofundamento e pesquisa do meu trabalho. E ao professor Amir Brito pela orientação e ensinamentos essenciais para tornar a materialização deste trabalho possível.*



NUNCA MAIS FALO  
DE TCC NA VIDA!!

NÓS VOLTAMOS!!



Por MARIANNE MACHADO

NÓS VIVEMOS  
NA MATRIX!!

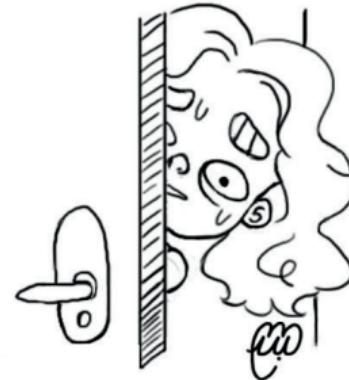






AAAHH COMO FOI BOM...

MAIS ALGUMAS HORAS  
AUSENTE DA MINHA PRÓPRIA VIDA





OLHA, NÃO SEI COMO PODE  
O MUNDO INTEIRO NÃO TER  
ESSE COSTUME MAS É  
O SEGUINTE:



QUANDO ACONTECE DOS MEUS PÉS NÃO  
ALCANÇAREM COMPLETAMENTE O CHÃO, EU  
ACABO SEMPRE BALANÇANDO A Perna  
E BATENDO NAS COISAS.



OU TAMBÉM QUANDO ESTÁ FRIO E  
MINHAS PERNAS NÃO ESQUENTAM COM  
O RESTO DO CORPO.



E AINDA QUANDO TÔ FAZENDO ALGO NA MESA  
QUE REQUER UMA VISÃO MAIS PANORÂMICA  
E NÃO SOU ALTA O SUFICIENTE.



TODOS ESSES PROBLEMAS SÃO FACILMENTE  
RESOLVIDOS QUANDO ME SENTO AJOELHADA DESSE  
JEITO!



EU FICO MAIS ALTA, MINHAS PERNAS QUINTINHAS E  
NÃO ME BATO EM NADA! É A SOLUÇÃO  
PERFEI - ...



- TA-TAAA FORMIGANDOOOO!!





AMIGA, PENSA. QUE TEMPO LIVRE UMA PESSOA DESSA TEM?  
APOSTO QUE ELA NÃO VÊ SÉRIE, NEM ANIME OU NOVELA  
E NÃO ENTENDE DE FILME DE SÚPER-HERÓI E MAIS  
UMONTE DE COISA



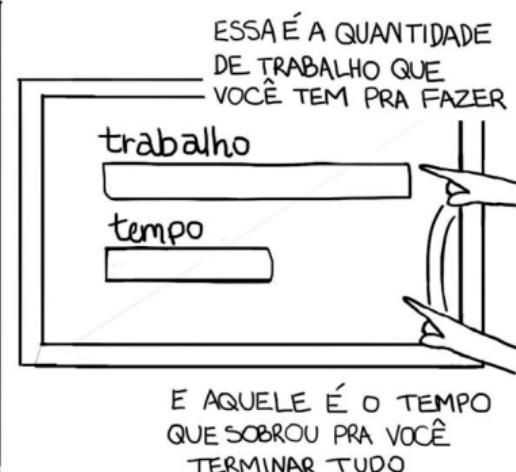


TÁ TENDO DISCUSSÃO PRA TODO LADO...  
TALVEZ SE VOCÊ TAMBÉM DESSE SUA OPINIÃO  
DARIA PRA TENTAR CONVENCER ALGUMAS  
PESSOAS...



SABE, ÀS VEZES EU SÓ TÔ TENTANDO  
TER UM DIA LEGAL E JÁ É BEM  
COMPLICADO SEM ESSA PARTE



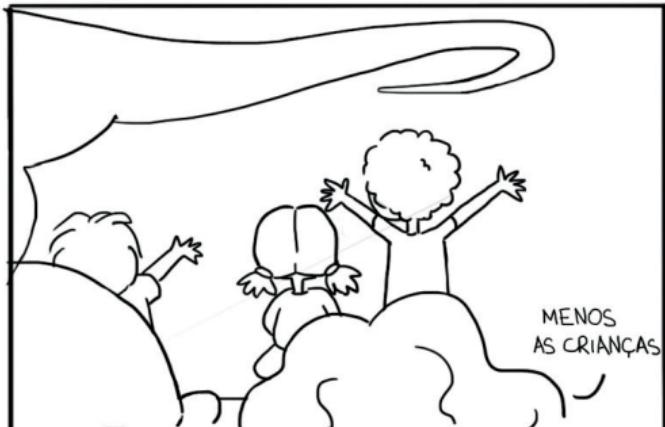


E AQUELE É O TEMPO  
QUE SOBROU PRA VOCÊ  
TERMINAR TUDO











AAHH... ELES VÃO FINALMENTE  
FICAR JUNTOS?!



PERA



QUEEE?!  
QUEEE?!  
QUEEE?!



P-POR QUE ELA DISSE  
ISSO?!



MEU DEEUS!



NOSSA, SOCORRO



NÃO DÁ MAIS. PRECISO DE  
UM TEMPO



COMO ASSIM VOCÊS NÃO VÃO  
PARTICIPAR DO DEBATE?!



NOSSA INSTITUIÇÃO É FEITA  
DE JOVENS COMO VOCÊS,  
NÃO HÁ COM O QUE  
SE PREOCUPAR!



AGORA SENTEM-SE AQUI E  
SINTAM-SE EM CASA!  
E LEMBREM-SE:



AQUI SOMOS TODOS A FAVOR DA  
DIVERSIDADE DE PENSAMENTO!



MESMAS IDEIAS !!







SABE... ÀS VEZES  
PARECE QUE AS PESSOAS  
SÓ ANDAM JUNTAS  
PORQUE TÊM MEDO  
DE FICAR SOZINHAS



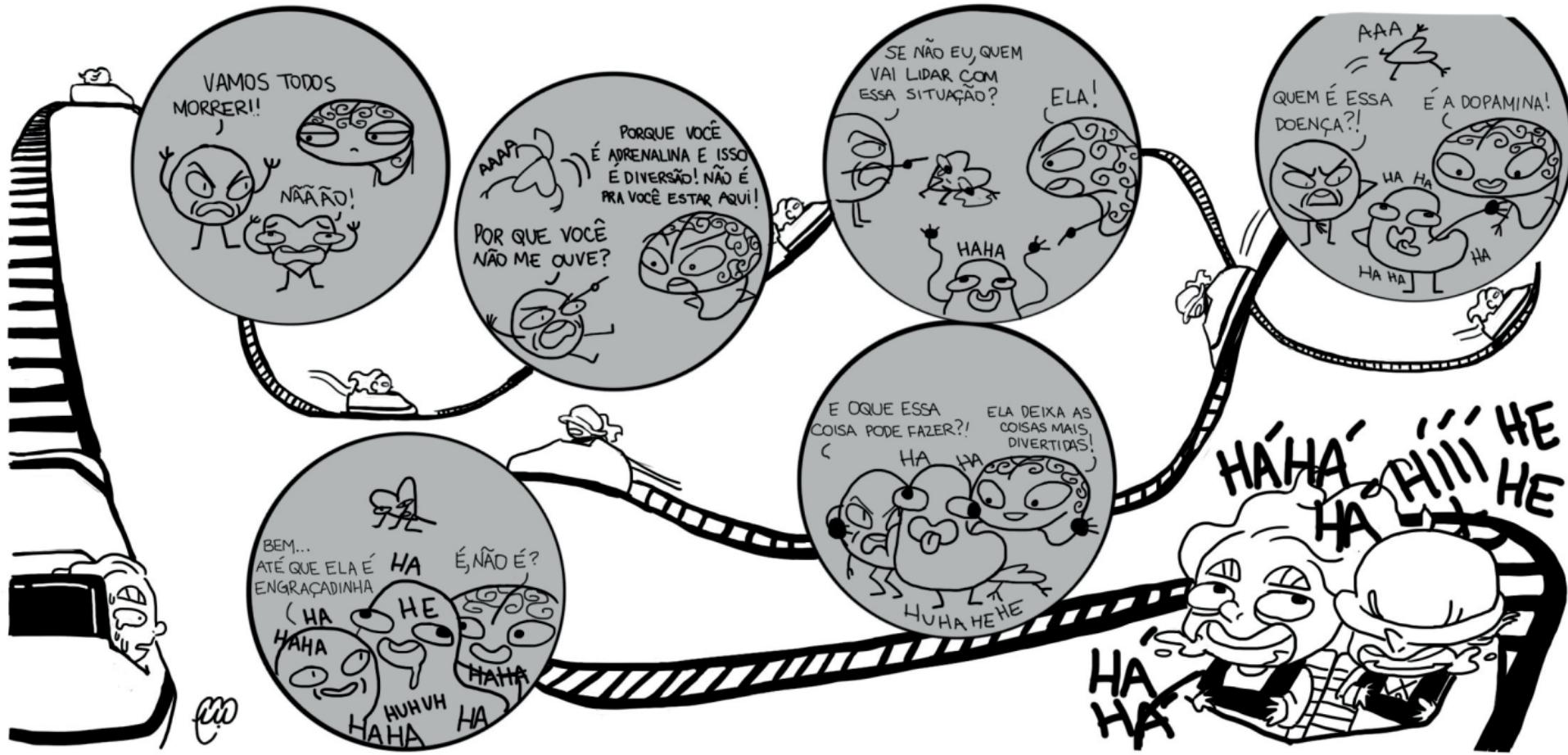
SE UMA COMPANHIA SE  
TORNASSE DESNECESSÁRIA OU MAIS  
DISTANTE... QUANTOS SERIAM  
AQUELES QUE AINDA FARIAVAM O  
ESFORÇO DE SE MANTER PRÓXIMOS?

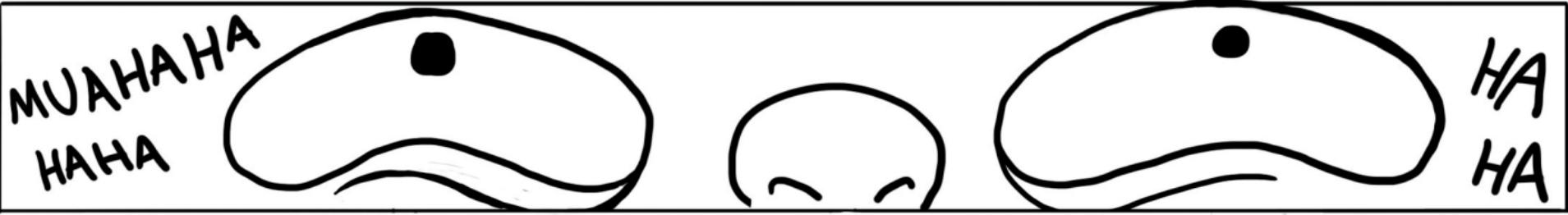
SINCERAMENTE ACHO QUE TODOS  
SÓ VÃO EMBORA MESMO



DISSO EU NÃO SEI...  
MAS PELO MENOS SEI QUE EU  
NÃO VOU EMBORA!







POF FAVOOOR??



OLHA, NÃO É QUE EU NÃO QUEIRA,  
MAS VOCÊ ACHA MESMO QUE VALE  
A PENA?



COMO NÃO VALERIA?!



PELO DINHEIRO! É MUITO PRA GASTAR EM  
ALGO SÚPER DESNECESSÁRIO E SUPÉRFLUO!



MAS A VIDA É UMA SÓ! VOCÊ NÃO ACHA QUE  
DEVERÍAMOS USAR DINHEIRO COMO UM INSTRUMENTO PARA  
TORNAR NOSSAS VIDAS MAIS FELIZES DE VEZ EM QUANDO?





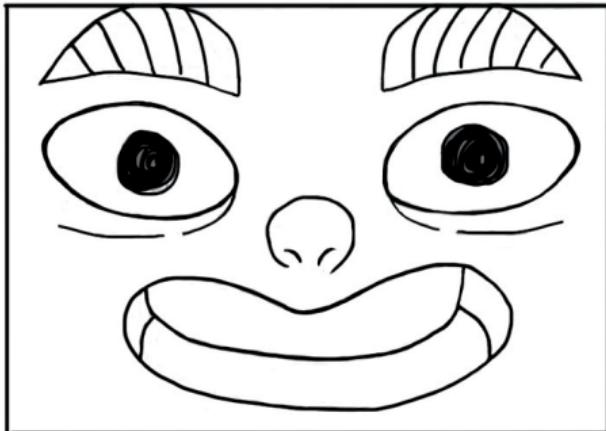
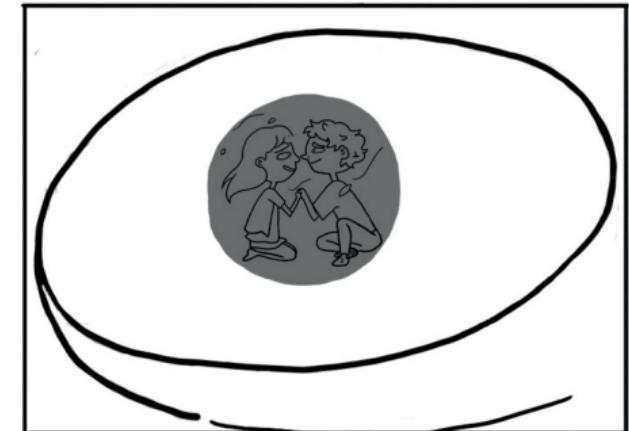
SE A GENTE PARAR  
PRA CONVERSAR, NÃO  
VAI TER ASSUNTO...

VAI SER PÉSSIMO...

E-EU VOU... EU VOU...

É AQUELE CARA QUE EU SÓ  
CONHEÇO DE NOME  
MAS NUNCA NEM FALEI  
COM ELE DIREITO  
EU DEVERIA DIZER  
OI?







SABE O QUE ISSO SIGNIFICA?  
PRECISAMOS APROVEITAR ESSE POTENCIAL!

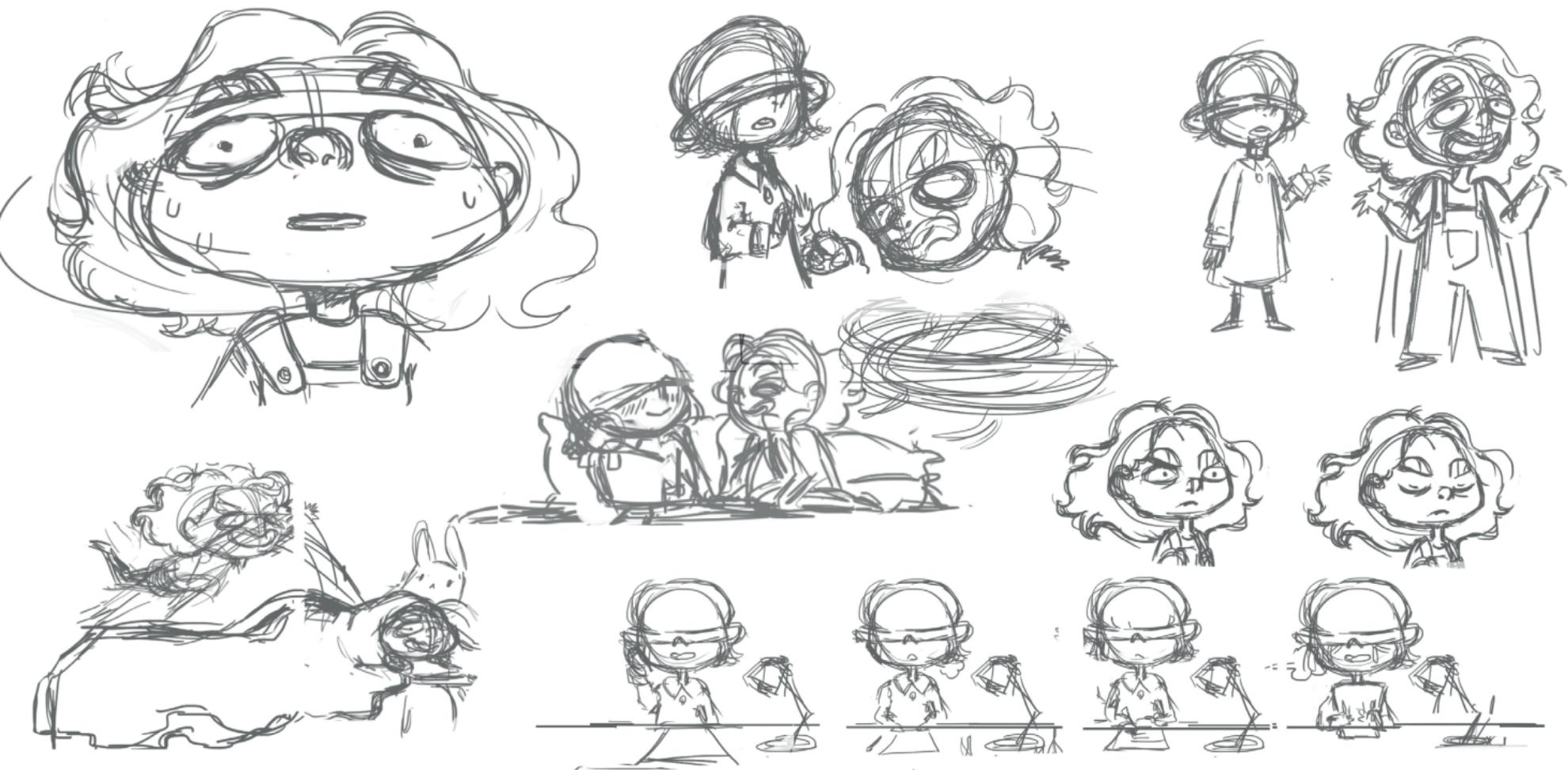
IMAGINE TUDO O QUE NOSSA AMIZADE PODE FAZER NO FUTURO!

PODERÍAMOS  
ATÉ FICAR FAMOSAS!



ccm





OBRIGADA !!



